

ESTUDO DO MEIO: TEORIA E PRÁTICA

Claudivan Sanches Lopes¹
Nidia Nacib Pontuschka²

RESUMO

O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores o contato direto com determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. Entende-se, e este é o objetivo deste trabalho, que a realização dos Estudos do Meio, em todos os níveis de ensino, mas particularmente na educação básica, pode tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem e proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social. Trata-se de verificar a pertinência e a relevância dos diversos conhecimentos selecionados para serem ensinados no currículo escolar e, ao mesmo tempo, lançar-se à possibilidade da produção de novos conhecimentos, a elaboração contínua do currículo escolar. Ancoradas em reflexões teóricas e em experiências recentes, na condição de participantes e na condição de organizadores e coordenadores dessas atividades, tenciona-se contribuir para a melhoria da formação do professor e, mais amplamente, para a melhoria da educação em nosso país no presente momento histórico.

Palavras-chave: Estudo do Meio; Ensino de Geografia; Interdisciplinaridade; Formação de professores.

MILIEU ANALYSIS: THEORY AND PRACTICE

ABSTRACT

Milieu Analysis is an interdisciplinary teaching method that provides a direct contact between students and teachers and a determined type of reality, rural or urban milieu, which they decide to analyze. Pedagogical activity is undertaken through an orientated immersion within the complexity of a certain geographic space and within the establishment of an intelligent dialogue with the world so that new knowledge would be verified and produced. Milieu Analysis at all teaching levels, especially in fundamental education, aims at high-grading the teaching-learning process and develops in its agents a critical and investigatory stance on the seemingly naturalness of social conviviality. The process verifies the importance and relevance of several types of knowledge to be taught in the school curriculum. At the same time, it forwards the production of new knowledge and thus the continuous construction of the school curriculum. Foregrounded on theoretical investigations and on recent

¹ Professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá e doutorando em Geografia Humana pela USP. Bolsista do CNPq. E-mail: cslopes@uem.br.

² Professora Doutora da Faculdade de Educação da USP – FEUSP. E-mail: nidia@usp.br.

experiences, the authors, as participants, organizers and coordinators of such activities, aim at contributing towards an improvement in teachers' training and, more broadly, a betterment in Brazil's education system at this historic period.

Keywords: Milieu Analysis, Study of Geography, Interdisciplinarity, Teachers' training.

INTRODUÇÃO

O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos.

Como veremos ao longo deste texto, a seleção do lugar a ser visitado, bem como a formulação das principais questões a serem respondidas na pesquisa de campo, todas as etapas de sua realização, o planejamento, a execução e a avaliação, são orientadas, por um lado, pela "dialogicidade" e, por outro, pelo despertar da "curiosidade epistemológica" de todos os membros da comunidade escolar (FREIRE, 2000). Ou seja, todas as etapas e respectivas ações que o estruturam são realizadas na busca de acordos e contratos pedagógicos possíveis que, sem negar os conflitos consubstanciais a qualquer relação social, têm, como ponto de partida e chegada, a realidade vivida pelas pessoas envolvidas na construção de um projeto educativo em uma determinada unidade escolar.

Entendemos, e este é o objetivo deste trabalho, mostrar que a realização dos Estudos do Meio pode tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem e proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social. Trata-se de verificar a pertinência e a relevância dos diversos conhecimentos selecionados para serem ensinados no currículo escolar e, ao mesmo tempo, lançar-se à possibilidade da produção de novos conhecimentos, a elaboração contínua do currículo escolar.

É importante considerar que esta prática pedagógica encontra plena expressão no interior de uma teoria curricular aberta na qual o trabalho educativo das escolas não seja regulado, externamente, por um sistema de avaliação homogeneizadora e homogeneizante. Distanciando-se, desta forma, de uma concepção de educação tecnicista, baseada na racionalidade técnica, onde os "produtos do ensino" são definidos *a priori*, ou seja, exteriormente aos interesses de seus beneficiários, esse método de ensino preconiza e

corroborar a construção de um projeto educativo que pressupõe autonomia relativa dos professores e, de maneira geral, das escolas no processo de construção de seu currículo. Propicia também, ao integrar os professores em uma dinâmica de valorização intelectual de seu trabalho, o desenvolvimento de uma nova profissionalidade docente, na qual, são eles próprios, parte importante no complexo processo de concepção e implementação dos currículos escolares.

É preciso alertar, todavia, que não estamos diante de um método de ensino que pressuponha um currículo totalmente aberto e, nele, não esteja presente a intencionalidade. Os objetivos são traçados previamente, porém, como muito bem sugere a epígrafe selecionada para abertura deste trabalho, o transcurso de um projeto educativo não pode ser definido *a priori*. Seu trajeto, como o voar de uma borboleta, não é linear como de um projétil, ou seja, não pode ser calculado e executado seguindo certa eficiência técnica.

Ancoradas em reflexões teóricas e em experiências recentes, na condição de participantes e na condição de organizadores e coordenadores dessas atividades, tencionamos contribuir para a melhoria da formação do professor e, mais amplamente, para a melhoria da educação em nosso país no presente momento histórico.

O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO E A REALIZAÇÃO DO ESTUDO DO MEIO

Entendemos que as definições curriculares oficiais e os materiais didáticos a eles relacionados servem ao docente como um referencial importante na orientação de seu trabalho pedagógico e, são, sem dúvida, fontes importantes no decurso de construção de sua profissionalidade. Entretanto, o papel do professor não pode ficar reduzido, burocraticamente, a um simples executor desse currículo e aplicador eficiente de manuais didáticos. É à luz, de fato, do exame do contexto sócio-espacial em que se desenvolve seu trabalho educativo e da análise das reais necessidades dos beneficiários de seu trabalho – os alunos e a comunidade escolar como um todo – que o professor deve selecionar os conteúdos a ensinar e os métodos de ação.

Na função de “[...] mediadores entre os alunos e os conhecimentos científicos, os docentes fazem adaptações na organização e na estrutura dos conhecimentos e até mesmo nos conteúdos de ensino” (THERRIEN; MAMEDE; LOIOLA, 2004, p. 45). Subjaz, portanto, à luta contra uma perspectiva técnica homogeneizadora e homogeneizante de currículo, que ignora o caráter contextual da prática educativa, a concepção de que os professores não são simples reprodutores de conhecimentos e métodos de ensino produzidos por peritos ou especialistas. Mesmo que sob inúmeros condicionamentos, os professores produzem e

mobilizam saberes profissionais, a partir do contexto sempre situado de sua prática. Nesta perspectiva, é mister considerar que, entre as necessidades profissionais da docência, como afirma Pacheco (1999, p. 48) “[...] está a exigência de que o professor não seja apenas o operário do currículo, mas também um dos seus arquitetos”.

Nesse sentido, ao elencarmos a realização dos Estudos do Meio como fator potencial da unidade escolar em construir seu próprio currículo, desejamos, como faz Pacheco e muitos outros autores, integrar os professores a uma dinâmica de valorização intelectual e política de seu trabalho.

Considerando a complexidade do jogo dialético que configura a educação escolar, focalizamos a ação coletiva dos professores na realização dos Estudos do Meio, como elemento que pode contribuir, significativamente, para com o desenvolvimento da profissionalidade docente.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

O Estudo do Meio não é uma prática pedagógica nova no universo educacional brasileiro. Faz parte, na verdade, de uma “tradição escolar” que, inspirada em educadores tais como Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet (1896-1966), tem por objetivo proporcionar aos estudantes uma aprendizagem “mais perto da vida”, ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada, seja ela, natural ou social. Como ressalta Goettens (2006, p. 52):

A metodologia de ensino que atualmente é denominada, ainda que muitas vezes de forma indiscriminada, de “Estudos do Meio”, é o resultado do trabalho de inúmeros educadores que, ao longo de várias décadas, se dedicaram a construir práticas de ensino que possibilitassem uma melhor compreensão do mundo e a superação dos desafios sócio-educacionais que se lhes apresentavam à época.

No Brasil, segundo Pontuschka (2004a) e Bittencourt (2005), embora os Estudos do Meio tenham se disseminado e se popularizado nos anos 1960 no interior do movimento da Escola Nova, há registros que mostram sua realização em escolas fundadas por grupos de imigrantes europeus anarquistas que, no início do século XX, fixando-se, sobretudo em São Paulo, ocuparam os postos de trabalho na indústria brasileira nascente e em franco desenvolvimento na época. Inspiradas nas ideias pedagógicas de Ferrer, as escolas criadas pelos militantes do movimento anarquista tinham como princípio oferecer um ensino racional, fundamentado em observações de campo, em discussões e na formação do espírito crítico sobre o meio circundante, ou seja, o contexto social do entorno da escola ao

qual pertenciam os alunos (PONTUSCHKA, 2004b). Os anarquistas fundaram escolas que tinham um currículo aberto, no qual o método de ensino empregado era caracterizado pela imersão na realidade em um processo de pesquisa e descobertas. Todavia, as evidentes consequências desta proposta pedagógica, entre outros fatores, colocaram em rota de colisão os ideais anarquistas nelas presentes e os interesses do governo brasileiro na época. Destarte, por motivos políticos, essas escolas foram fechadas pelo poder governamental.

Mais acentuadamente, durante a década de 1960, sob inspiração do movimento da Escola Nova, os Estudos do Meio retornam à agenda dos educadores preocupados com a constituição de um ensino atraente e uma aprendizagem significativa. Afirmando o princípio de que “escola é vida”, Sylvia Magaldi, em artigo de 1965, assim se pronunciava:

O problema das relações ESCOLA e VIDA tem sido colocado, não de hoje, pelos educadores, tanto na Europa quanto na América. Mais de uma vez afirmou-se como verdade pacífica, neste plenário mesmo, o princípio de que ESCOLA É VIDA e não pode fechar-se, portanto, em relação àquilo que constitui, em cada momento, o próprio contexto em que o homem faz sentido, não pode continuar a ser um compartimento fechado, pseudo-preparando para a vida, fora da vida. (MAGALDI, 1965, p. 69)

Para a autora, o Estudo do Meio seria um “recurso por excelência” para que se pudessem “[...] suprimir as fronteiras entre a escola e a vida” (1965, p. 70). Na vaga dos ideais escolanovista, as Escolas Vocacionais e Colégio de Aplicação, ligado à antiga Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, da Universidade de São Paulo, passaram a acompanhar esse processo e o debate pôde ser fomentado sem, contudo, como podemos observar na análise de Pontuschka (2004a, p. 252) que se segue, atingir de forma ampla a rede de ensino público.

O ideário da Escola Nova desenvolvido no Brasil na primeira metade do século [XX] embora não tenha conseguido atingir a rede de ensino público, concretizou-se em algumas escolas na década de 1960, nas quais currículos especiais permitiam a realização de estudos do meio como ocorreu nas escolas vocacionais ou nas classes experimentais de ginásio, do antigo Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Houve tentativas válidas (de curta duração) de colocar em prática os princípios da Escola Nova; no entanto, esta permaneceu muito mais como ideário, sem atingir outras escolas da rede pública.

Todavia, com o acirramento da censura e da repressão política promovidas pelo governo militar pelo Ato Institucional n. 5 (AI-5), baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, os Estudos do Meio ficaram proibidos. Nesse período, quando realizados, aconteciam clandestinamente. De certa forma, os Estudos do

Meio foram “proscritos” e a organização de trabalhos interdisciplinares desse tipo “era quase uma temeridade” (PONTUSCHKA, 2004a, p. 258).

Com a crise do governo militar, a partir de 1978-1979, e o conseqüente processo de redemocratização do país, os Estudos do Meio retornaram à agenda dos educadores e exerceram papel destacado na gestão de Paulo Freire (1989-1990), como secretário municipal de educação durante a administração Luiza Erundina de Souza (1989-1993), na cidade de São Paulo. Naquele momento, o Estudo do Meio desempenhou a função de elo integrador de práticas interdisciplinares no âmbito da escola básica com resultados muito positivos, de acordo com Pontuschka (2004a, p. 260-268).

As pesquisas mais recentes sobre o Estudo do Meio têm mostrado sua significância e atualidade (GOETTEMS 2006; BOSCOLO, 2007; PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2007; PONTUSCHKA, 2004a; BITTENCOURT, 2005). Contudo, é preciso acrescentar que a utilização indiscriminada da expressão “Estudo do Meio” para experiências diversas fora do ambiente escolar, tais como visitas esporádicas a uma indústria ou fazenda, um passeio em um parque da cidade, ainda que possuam valor pedagógico e lúdico, pode constituir-se em empecilho ao aprofundamento do tema e ampliação de seu significado e potencial na elaboração do currículo escolar. O uso sem critério “do rótulo” impede, em diversas situações, o aprofundamento teórico desta prática pedagógica que, reduzida a uma visita, a um passeio, a uma aula de campo, perde, na perspectiva que aqui defendemos, grande parte de seu valor formativo e educativo.

Em suma, as referidas pesquisas mostram que tais atividades têm contribuído para o fortalecimento da autonomia da instituição escolar e dos professores de maneira geral. Da instituição escolar porque é uma alternativa às políticas e propostas vindas das secretarias de educação e dos professores porque podem desenvolver seus saberes profissionais sem serem teleguiados pelos materiais didáticos oficiais. Podem corroborar, sem dúvida, o processo de desenvolvimento da profissionalidade docente.

Os Estudos do Meio podem fortalecer, para além de sua dimensão estatal, a dimensão pública da educação. Trata-se da organização de fóruns de discussão para os problemas vividos coletivamente pela comunidade onde a escola está inserida. Ao desvelar as injustiças sociais e outras questões que afetam o bem-estar de uma determinada comunidade escolar, os Estudos do Meio podem ser valiosos instrumentos para a compreensão e superação daquelas injustiças que, de acordo com Santos (1993), “[...] devem ser corrigidas em nome da cidadania” (p. 112). Podemos falar, assim, de uma escola que “enraizada no lugar”, se alimenta de sua potencialidade e de sua força (SANTOS, 2004). Como afirma Pontuschka; Paganelli e Cacete (2007, p. 175-176)

O estudo do meio, como método que pressupõe o diálogo, a formação de um trabalho coletivo e o professor como pesquisador de sua prática, de seu espaço, de sua história, da vida de sua gente, de seus alunos, *tem como meta criar o próprio currículo da escola*, estabelecendo vínculos com a vida de seu aluno e com a sua própria, como cidadão e como profissional.

Partindo do pressuposto de que já tenhamos definido satisfatoriamente os significados aqui atribuídos ao Estudo do Meio, podemos, então, descrever os principais momentos ou etapas envolvidas em sua realização e as respectivas ações que as estruturam.

ETAPAS NA ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO DO MEIO

O êxito do Estudo do Meio depende de um trabalho de planejamento flexível, mas, certamente rigoroso, que envolve a partir do que podemos apreender do trabalho de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), pelo menos sete etapas ou momentos. Assim, o roteiro a seguir não deve ser visto como negação de outras possibilidades de organização e, sim, como um determinado “esquema estratégico”, baseado na experiência acumulada pelos autores a respeito do tema.

O ponto de partida: encontro dos sujeitos sociais

O Estudo do Meio, como já salientamos, é uma metodologia de ensino interdisciplinar na qual se buscam alternativas à compartimentalização do conhecimento escolar e à excessiva segmentação do trabalho docente. Seu ponto de partida, então, é a reflexão individual e coletiva sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em determinada escola e o desejo de melhorar a formação do aluno, construindo um currículo mais próximo dos seus interesses e da realidade vivida. Assim, a realização dos Estudos do Meio é impulsionada pelo desejo de maior autonomia docente e do projeto educativo da unidade escolar em relação às instâncias administrativas superiores que, tradicionalmente, controlam o currículo.

Nesse processo, busca-se, pelo exame das características do lugar/solo em que uma determinada unidade escolar deseja fincar suas raízes – ou seja, o exame de seus problemas, de seus desejos, enfim, de suas mais sérias questões – a seleção de temas e espaços a serem estudados e que poderiam tornar seu currículo e seu projeto educativo, mais significativo para os alunos. Ao privilegiar o estudo do lugar não se quer isolá-lo de

outras escalas de análise possíveis e inter-relacionadas, nem que espaços mais distantes não possam ser escolhidos para serem estudados.

A opção pelo espaço e tema a serem estudados

Os espaços ou lugares a serem estudados em uma atividade de ensino desse tipo são variados e podem estar situados, nas adjacências da unidade escolar, tais como: o quarteirão, o bairro, o fundo de vale mais próximo, passando pelo município, tais como um distrito industrial, um prédio público e seus arredores, uma área de mata nativa, até lugares mais distantes como uma cidade histórica, um parque ecológico, uma barragem de hidrelétrica etc. A rigor, não existem “lugares privilegiados” e não há também “lugares pobres” para a realização dos Estudos do Meio. Em cada caso, o grande desafio que se apresenta aos seus realizadores é o processo de “[...] saber ‘ver’, saber ‘dialogar’ com a paisagem, detectar os problemas existentes na vida de seus moradores, estabelecer relações entre os fatos verificados e o cotidiano do aluno” (PONTUSCHKA, 2004a, p. 260).
Todavia, como alerta a mesma autora em outra obra:

Escolher e optar não são práticas fortuitas, mas definidoras da vida. Escolher os meios a estudar é optar pelo currículo que se quer desenvolver. A escolha coletiva implica a organização coletiva. Esta se efetivará com a preparação prévia, com a definição dos instrumentos e das tarefas a ser desenvolvidas (2007, p. 176).

Os Estudos do Meio podem ser realizados em todos os níveis de ensino e, inclusive, nos processos de formação continuada de professores. Contudo, é preciso lembrar que sua realização, especialmente nos Ensino Fundamental e Médio, requer atenção especial dos organizadores quanto à segurança dos alunos. Além da prévia autorização dos pais ou responsáveis e da contratação, quando necessária, de transporte e de alojamento, a elaboração dos roteiros de observação e pesquisa devem levar em consideração o estágio de desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes. Deste modo, a definição do espaço a ser estudado não pode prescindir de uma prévia visita ao local e da identificação, considerando as características dos participantes, de um itinerário que não coloque em risco a sua segurança.

Em suma, tanto para evitar aborrecimentos desnecessários, como para alcançar êxito, toda e qualquer saída a campo, seja com professores seja com alunos, precisa ser planejada com rigor e sensibilidade.

A definição dos objetivos e o planejamento

Ainda que cada Estudo do Meio a ser realizado possua, em função dos interesses de seus organizadores e da própria natureza do espaço a ser estudado, finalidades mais específicas, seus objetivos mais gerais podem ser descritos, de acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 177-178) da seguinte maneira:

- consolidação de um método de ensino interdisciplinar denominado estudo do meio, no qual interagem a pesquisa e o ensino;
- verificação de testemunhos de tempos e espaços diferentes: transformações e permanências;
- levantamento dos sujeitos sociais a ser contatados para as entrevistas;
- observações a ser feitas nos diferentes lugares arrolados para a produção de fontes e documentos: anotações escritas, desenhos, fotografias e filmes;
- compartilhamento dos diferentes olhares presentes no trabalho de campo mediante as visões diferenciadas dos sujeitos sociais envolvidos no projeto;
- coleta de dados e informações específicas do lugar, de seus frequentadores e das relações que mantêm com outros espaços;
- emersão de conteúdos curriculares disciplinares e interdisciplinares a ser contemplados na programação;
- produção de instrumentos de avaliação em um trabalho participativo;
- criação de recursos didáticos baseados nos registros;
- divulgação dos processos e do resultado.

Obviamente, como já fizemos referência, a esses objetivos mais gerais devem ser somados outros que, considerando as características e a potencialidade do meio escolhido para o estudo, conferirão sua pertinência e sua originalidade. Deste modo, vale ressaltar, novamente, que a escolha de temas e lugares a serem pesquisados no Estudo do Meio, deve ser definida pelo coletivo dos professores e alunos – ou seja, pelos protagonistas do processo ensino-aprendizagem – à luz dos contextos e experiências vividas. Assim, é a partir de problemas que são comuns a professores e a alunos e, mais amplamente, pelo exame do contexto no qual uma determinada comunidade está inserida, que os objetivos deste trabalho pedagógico devem ser formulados.

Elaboração do caderno de campo

O caderno de campo é um instrumento tradicional no trabalho de pesquisa de geógrafos, antropólogos, geólogos, entre outros. Com o advento, por exemplo, dos computadores portáteis e aparelhos de GPS, fruto da revolução tecnológica na qual estamos imersos, o caderno de campo em seu formato tradicional – um bloco de papel em

branco para anotações escritas, desenhos e croquis – tem perdido importância relativa. Para alguns, como observa Magnani (1997, p. 8), “[...] parece ser um artefato jurássico, vestígio dos tempos heróicos da disciplina”. Diante das profundas mudanças tecnológicas da atualidade e do conseqüente surgimento de novos produtos tecnológicos que auxiliam o trabalho de campo, a utilização do caderno de campo em seu formato tradicional não seria algo ultrapassado? Qual o seu sentido nos dias de hoje e, particularmente, nos Estudos do Meio?

A experiência tem mostrado que o caderno de campo desempenha função didático-pedagógica fundamental em todas as etapas da realização dos Estudos do Meio. Nele, os participantes da atividade devem facilmente encontrar as principais instruções relativas à coleta de dados e informações e ao processo de observação, além de espaços adequados para registros escritos, desenhos e esquemas. Durante todo o desenrolar do Estudo do Meio, o caderno de campo se constitui, deste modo, um “fiel companheiro” dos participantes porque, rápida e facilmente, podem ser consultadas, em caso de dúvida, as atividades programadas e os procedimentos adotados.

Vale ressaltar que a função didático-pedagógica desempenhada pelo caderno de pesquisa de campo torna-se mais especial ainda se considerarmos sua realização na educação básica. As características e o estágio de desenvolvimento cognitivo dos alunos desse nível de ensino, considerando inclusive as diferenças que existem entre as diversas séries, evidenciam, mais uma vez, sua importância e pertinência. Entendemos que a participação ativa dos alunos no processo de elaboração e manejo do caderno de campo é um fator que joga a favor do despertar de seu espírito investigativo e crítico. Trata-se de uma feliz oportunidade de desenvolver, nos alunos, hábitos e procedimentos de pesquisa tais como: a observação orientada, o registro de dados e informações mais sistematizados e, até mesmo, de suas impressões mais pessoais sobre a realidade. Não se pensa, particularmente, ao se tratar de alunos da escola básica, do desenvolvimento em sentido mais estrito, da pesquisa nos moldes da academia, mas sim e, fundamentalmente, da promoção de uma atitude indagadora diante do mundo.

Como buscamos mostrar, apropriando-nos de uma tradição que une pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, a utilização do caderno de campo, em Estudo do Meio, cumpre uma função que extrapola largamente seus atributos mais clássicos no trabalho de pesquisa de campo de geógrafos ou antropólogos, por exemplo. Nesse caso, o caderno de campo é um guia, um dos elementos estruturadores do trabalho a ser desenvolvido por um determinado grupo. Ele exerce papel muito importante ao longo de todo o desenvolvimento do Estudo do Meio e não apenas durante o trabalho de campo

propriamente dito. Aqui ele desempenha, voltamos a afirmar, função didática fundamental. Vejamos, então, os principais elementos que devem compor o caderno de campo.

A capa

A capa, elaborada por um aluno ou pelo professor, deve expressar o tema central ou um aspecto significativo do Estudo do Meio a ser desenvolvido. Pode ser um desenho, uma fotografia, ou outro ícone, que sintetiza e mostra características marcantes do lugar a ser estudado. Revela, considerando a interpretação do grupo, a identidade do meio ou do espaço a ser estudado (Figura 1, 2 e 3). É importante reservar, na sequência, uma página em branco para um desenho pessoal ou individual. Assim, podemos valorizar a subjetividade dos indivíduos envolvidos no processo, compreensões idiossincráticas, mas não menos importantes para a formação geral dos alunos.

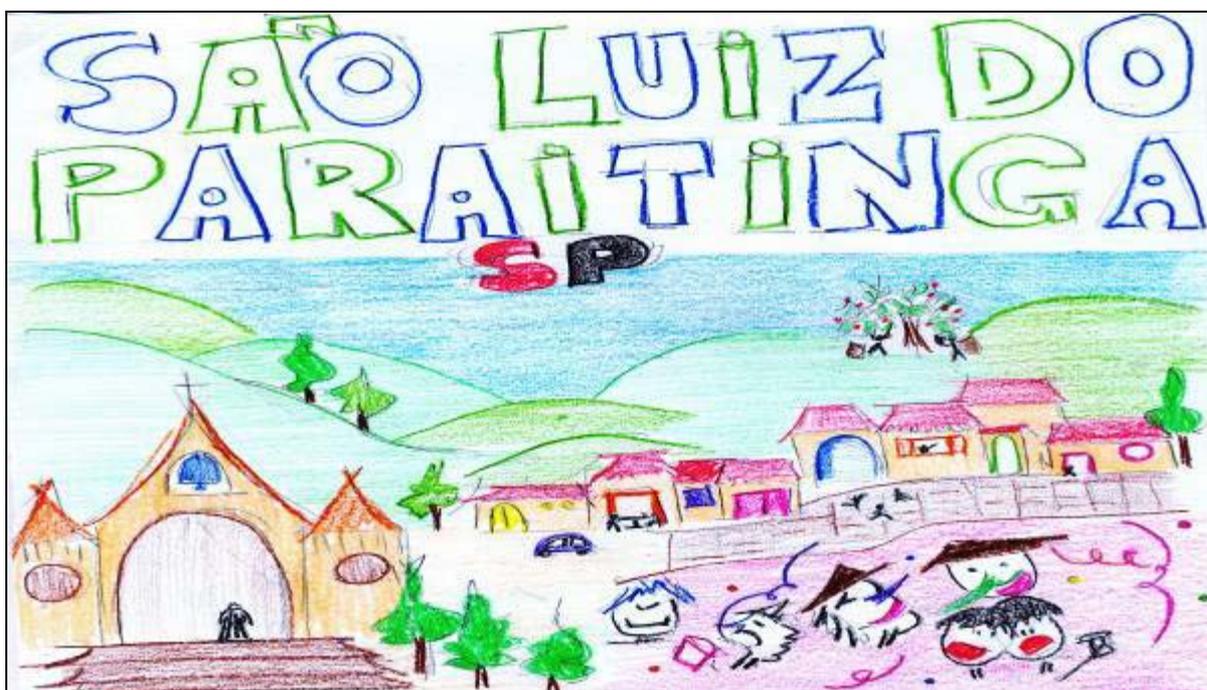


Figura 1 – Capa do caderno de campo de Estudo do Meio, realizado em São Luiz do Paraitinga, interior de São Paulo (setembro/2007). O desenho, elaborado por Elenita Jussara de Souza Martins, destaca a arquitetura da cidade e as festas populares que atraem, particularmente, durante o carnaval, milhares de turistas.



Figura 2 – Capa do caderno de campo de Estudo do Meio realizado em Iguape, cidade litorânea de São Paulo (setembro/2006). O desenho, elaborado por Michele Torres Fernandes, destaca a atividade pesqueira artesanal e sua importância para a economia local.



Figura 3 – Capa do caderno de campo de Estudo do Meio, cujo tema foi a Estação da Luz no centro histórico da cidade de São Paulo (março-julho/2008). O desenho, elaborado por Nei Campos Baptista, destaca sua arquitetura.

O roteiro e o cronograma das atividades a serem desenvolvidas durante a pesquisa de campo

Outro elemento orientador do trabalho de campo e que deve constar no caderno de campo é um cronograma com as atividades que serão desenvolvidas, um roteiro ilustrativo do percurso a ser descrito e que pode ser rápida e, convenientemente, consultado pelos participantes. Ainda que modificações, pela própria natureza da atividade aqui em discussão, sejam frequentes, os participantes do trabalho de campo saberão, antecipadamente, os lugares que serão visitados, itinerários, horários e objetivos a eles associados. É importante prever, também, horário de paradas para lanches e refeições e, oportunamente, momentos de lazer. Deve conter, enfim, de maneira explícita, os objetivos elaborados pelo grupo e uma grade com os nomes e contatos dos participantes. Recomenda-se, também, a elaboração de um índice.

Textos e mapas de apoio

Trata-se de uma coletânea de textos, de mapas, de gráficos etc. selecionados que visam subsidiar o grupo no trabalho de campo a ser desenvolvido em sua dimensão conceitual, procedimental e atitudinal. São textos que instrumentalizam teoricamente o processo de observação, a realização das entrevistas, os procedimentos mais recomendados para o tratamento do material coletado, sínteses históricas e geográficas do lugar ou região estudado. Devem-se anexar também, ao caderno de campo, mapas da área a ser estudada, sendo alguns deles temáticos que correspondam aos interesses do trabalho de campo em pauta.

Roteiro das entrevistas

A realização das entrevistas cumpre papel destacado na concretização dos Estudos do Meio. Assim, um momento importante para seu sucesso é a prévia elaboração, por professores e alunos, do conjunto de questões que servirão de guia para a abordagem da população residente na comunidade/cidade/região eleita para estudo e pesquisa. Embora bem definidas, as questões formuladas e impressas no caderno de campo sempre devem deixar uma boa margem à espontaneidade e a criatividade tanto dos entrevistadores como dos entrevistados.

Espaços para anotação, desenhos e croquis

Como já mencionamos, as observações e as entrevistas são os instrumentos fundamentais para a coleta de dados em um Estudo do Meio. Decorre, portanto, que é fundamental reservar espaços, neste caderno de campo, para registros diversos tais como: a fala dos entrevistados, anotações diversas de outros dados e informações consideradas relevantes e, apropriadamente, espaços para a elaboração de desenhos e croquis. Oportunamente, o material coletado poderá ser confrontado com outros dados e informações já sistematizados constituindo-se em rica fonte de pesquisa e elementos de base para a produção de material didático. Concluída e avaliada esta etapa da realização dos Estudos do Meio, o grupo “estará pronto” para empreender a pesquisa de campo. Trata-se de uma etapa de alto teor motivacional em que qualidades e habilidades insuspeitadas poderão ser observadas nos alunos.

O trabalho de campo

Um das etapas fundamentais dos Estudos do Meio é o trabalho de campo. É preciso, entretanto, para evitar mal entendidos, que façamos alguns comentários a respeito. A ideia de ir a campo apenas como “necessidade de sair da sala de aula”, é um pouco perigosa. Pode, seguramente, esvaziar as potencialidades educativas dessa atividade como método de ensino e, subestimar, obviamente, os momentos de aprendizagem realizados na sala de aula. Assim, as práticas de campo em um Estudo do Meio não devem ser caracterizadas como uma ocasião de ruptura do processo ensino-aprendizagem. Ao contrário, fazem parte dele, são momentos especiais, sem dúvida, mas que não se sustentam isoladamente. Não se desconsidera, evidentemente, a dimensão lúdica de uma saída de campo em um Estudo do Meio. O que queremos evitar é a sedimentação de estereótipos da sala de aula, “naturalmente chata” sendo preciso “retirar” os alunos para “passear de vez em quando” noutra lugar.

A pesquisa de campo é reveladora da vida, ou seja, por meio dela pretende-se conhecer mais sistematicamente a maneira como os homens e as mulheres de um determinado espaço e tempo organizam sua existência, compreender suas necessidades, seus desejos, suas lutas com vitórias e fracassos. Assim, durante o trabalho de campo, educadores e educandos devem submergir no cotidiano do espaço a ser pesquisado, buscando estabelecer um rico diálogo com o espaço e, na condição de pesquisadores, com eles mesmos. É o momento de descobrir que o meio ou o espaço, na inter-relação de processos naturais e sociais, é uma Geografia viva (PONTUSCHKA, 2006). Todavia, travar diálogos com o espaço pressupõe o domínio de conceitos e linguagens diversas de muitas disciplinas. O Estudo do Meio não prescinde, portanto, das características ou identidade das

diversas disciplinas. São elas que, de fato, permitem compreender mais profundamente a dimensão social da organização do espaço e, ao mesmo tempo, da influência que essa organização exerce sobre a vida dos homens e mulheres que nele vivem. Compreendendo o meio como uma “Geografia viva”, é preciso ir a campo

[...] sem pré-julgamentos ou preconceitos: liberar o olhar, o cheirar, o ouvir, o tatear, o degustar. Enfim, liberar o sentir mecanizado pela vida em sociedade, para a leitura afetiva que se realiza em dois movimentos contrários – negar a alienação, o esquema a rotina, o sistema, o preconceito – e afirmar o afeto da comunidade e da personalidade (PONTUSCHKA, 2006, p. 12).

Ao romper as fronteiras dos territórios institucionalizados de aprendizagem – a sala de aula e a escola –, a pesquisa de campo permite a ampliação desse território levando, ao mesmo tempo, a “a sala de aula e a escola” para o mundo – um lugar ou situação mais específica ou particular deste mundo para ser pesquisado e estudado –, e o mundo – mais real ou concreto –, para dentro da sala de aula e da escola. Trata-se, portanto, de uma oportunidade, como afirma Thompson (1998) falando mais especificamente do trabalho de campo na realização da História Oral, de gerar ocasiões de aprendizagem para além de seus tradicionais abrigos institucionais.

As entrevistas, como já afirmamos, têm um papel destacado na efetivação dos Estudos do Meio. Contudo, a realização de uma boa entrevista não é uma tarefa fácil. Para ser um entrevistador bem-sucedido, alerta Thompson (1998, p. 29) “[...] é necessário um novo conjunto de habilidades, entre as quais uma certa compreensão das relações humanas”. Prossegue o mesmo autor:

O processo de entrevista pode reunir pessoas de diferentes classes sociais e grupos de idade que, de outro modo, raramente se encontrariam e, muito menos se conheceriam intimamente. Muito da hostilidade generalizada contra os estudantes baseia-se no conhecimento deficiente sobre aquilo que realmente são ou fazem, e esses encontros podem resultar numa apreciação da seriedade e do idealismo disseminados entre eles. Podem também mostrar às pessoas comuns que a história não precisa ser irrelevante para suas vidas. Inversamente, professores e estudantes podem tornar-se mais conscientes da imagem que representam para o grande público. E, entrando na vida de seus informantes, adquirem uma compreensão melhor dos valores de que não compartilham e, freqüentemente, respeito pela coragem demonstrada em vidas muito menos privilegiadas do que as suas (p. 29).

É preciso, além das entrevistas, que os participantes estejam cientes que o trabalho de campo propicia momentos privilegiados para a coleta de documentos diversos, materiais bibliográficos e outros materiais. É importante atentar para as oportunidades proporcionadas pelos roteiros de observação para fotografias, filmagens, e, porque não, para a inspiração artística na forma de poemas, músicas e desenhos.

A sistematização dos dados coletados na pesquisa/trabalho de campo

O Estudo do Meio não se encerra com o trabalho de campo. Considerando as características dos sujeitos envolvidos e as possibilidades e os limites materiais oferecidas pela escola,

A partir dele se inicia um processo de sistematização, extremamente cuidadoso, de todo o material obtido e registrado nos desenhos, nas fotografias, nos poemas, nas anotações, no falar dos moradores. Os múltiplos saberes, agora enriquecidos pelas várias experiências e saberes conquistados no campo, se encontram na sala de aula (PONTUSCHKA, 2004b p. 13).

Desta forma, no primeiro contato entre os participantes do Estudo do Meio, conduz-se uma exposição livre das sensações experimentadas perguntando-se ao grupo os fatos que foram mais importantes ou significativos para cada pessoa. Neste compartilhar de sentimentos e ideias, a subjetividade presente nas impressões mais pessoais de cada um, nos registros escritos e nos desenhos se enriquece e, na inter-relação com outras subjetividades, surgem novos sentidos, novas compreensões. A visão fragmentária perde força e inicia-se um processo de síntese no qual os envolvidos no trabalho se descobrem como seres interdisciplinares (FREIRE, 2000).

O momento seguinte é o da construção do conhecimento, ou seja, da análise do material coletado na pesquisa de campo, de pensar coletivamente o que revela o conjunto dos registros. Começam a aparecer os nexos, os significados, as contradições e aspectos relevantes, mas talvez pouco conhecidos da história do lugar estudado, que ganham visibilidade. Que eixos temáticos afloram? Como tudo isso se insere ou pode ser inserido no currículo? Que material podemos construir? O resultado pode ser um vídeo-documentário, um ensaio fotográfico, um mural, um teatro, um artigo, ou materiais didáticos mais específicos que, posteriormente, devem ser adequadamente socializados, compartilhados.

Avaliação e divulgação dos resultados

Como todo trabalho educativo, a avaliação permite aos seus participantes apreciar os resultados, aprimorar os processos e, sempre que necessário, redefinir seus objetivos. É importante, também, que na medida do possível, a equipe responsável possa divulgar seus resultados. Deve haver, oportunamente, a preocupação ética e política de comunicar às comunidades, aos homens e mulheres que residem nos lugares estudados e pesquisados, os resultados dessa atividade, pois estes, como afirma Yves Lacoste (2006, p. 78) fazendo referência ao trabalho de campo desenvolvido pelos geógrafos “conferem poder

a quem os detém”. Assim, os possíveis benefícios produzidos pela realização dos Estudos do Meio podem extrapolar as fronteiras da escola que o organizou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O geógrafo Bernard Kaiser (2006, p. 99), procurando ressaltar o valor e a importância do trabalho de campo em geral e, particularmente, na área da Geografia, cita um fragmento de texto do dramaturgo alemão Bertold Brecht (1898-1956) em sua peça teatral *a exceção e a regra* (1929-1930) que nos parece oportuno aqui relembrar:

Sob o familiar, descubra o insólito, sob o cotidiano, destaque o inexplicável. Que possa toda coisa dita habitual lhe inquietar. Na regra descubra o abuso. E em toda parte onde o abuso se mostre, encontre o remédio.

Instigando seus leitores a uma posição crítica a respeito do mundo social, o autor faz um apelo a seus leitores para que aprendam a observar, na aparente banalidade do cotidiano, os aspectos contraditórios e, até mesmo, absurdos neles presentes. Ou seja, adverte que a vivência irrefletida do cotidiano tende a naturalizar paisagens pelo ocultamento da dinâmica social que as configuram. A aparente “normalidade” dos arranjos sócio-espaciais impede o olhar mais profundo e que poderia revelar ao observador mais atento os conteúdos implícitos que a aparência, por si só, não pode revelar. Não seria este o objetivo fundamental dos Estudos do Meio? Uma atividade curricular que visa estimular o hábito da pesquisa, mostrar aos seus participantes, por um caminho metodológico bem definido, uma realidade que, de outro modo, não poderia ser compreendida.

Por fim, o Estudo do Meio, como procuramos evidenciar, não é um momento à parte da vida escolar. Pelo contrário, tal qual aqui defendemos, deve ser parte integrante e, ao mesmo tempo, desempenhar função integradora do trabalho educativo da escola. Destarte, além de proporcionar a construção de um currículo mais significativo para o aluno, pode colaborar para a construção de uma nova profissionalidade docente, na qual, reconhecendo a possibilidade de autonomia das unidades escolares, insere-os em uma dinâmica de valorização intelectual de seu trabalho. Resultam não só maior poder de decisão ao professorado, mas também, como não poderia deixar de ser, maior responsabilidade profissional dos professores. Portanto, ainda que baseadas em experiências concretas de seus autores, queremos acrescentar que as ideias e reflexões aqui apresentadas requerem da parte dos leitores uma “recepção criativa”, ou seja, devem

ser pensadas e desenvolvidas de acordo com o contexto, que sabemos sempre singular, onde atuam.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.b
- BOSCOLO, D. **Projetos de estudos do meio em escolas públicas em Santana de Parnaíba-SP**. 2007. 166 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BRECHT, B. A exceção e a regra. (tradução de Geir Campos) In: BRECHT, B. **Teatro completo**. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 4, 1994, p. 129-160.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GOETTEMS, A. A. **Problemas ambientais urbanos: desafios e possibilidades para a escola pública**. 2006. 221 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- JACKSON, P. W. **La vida en la aulas**. Madrid: Morada/Paideia, 1991.
- KAISER, B. O Geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo n. 84, p. 93-104, 2006.
- LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 77-92, 2006.
- MAGALDI, S. O estudo do meio no curso ginásial. **Revista de Pedagogia**. São Paulo, v. 11, n. 19-20, p. 69-76, 1965.
- MAGNANI, J. G. C. O [velho e bom] caderno de campo. **Sexta-feira**. São Paulo, v. 1. n. 1, p. 8-11, 1997.
- PACHECO, J. A. **Currículo: teoria e práxis**. Porto: Porto Editora, 1999.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio e ação pedagógica. IN: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 14., 2006, Rio Branco, AC. **Anais ...** Rio Branco, AC, 2006.
- PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: Vesentini, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2004a, p. 249-288.
- PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio, interdisciplinaridade, ação pedagógica. IN: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13., 2004 Goiânia. **Anais ...** Goiânia, GO, 2004b.
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1993.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço; técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- THERRIEN, J.; MAMEDE, M. A.; LOIOLA, F. A. Gestão moral da matéria e autonomia no trabalho docente. In: ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. L. O.; JUNQUEIRA, S. R. A.

(Orgs.). **Conhecimento local e conhecimento universal: a aula e os campos do conhecimento**. Curitiba: Champagnat, 2004, v. 3, p. 43-56.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.